

Recebido em: 15/05/2021
Aprovado em: 29/06/2021
Publicado em: 15/07/2021

[TRADUÇÃO]

PHILOSOPHIE UND PSYCHOANALYSE

Por

Sándor Ferenczi

Tradução e notas

Caio Padovan¹

(caiopadovanss@gmail.com)

Guilherme Germer²

(guilhermeguita@gmail.com)

[BREVE NOTA EDITORIAL]

Caio Padovan

Weiny César Freitas Pinto³

(weiny.freitas@ufms.br)

O texto aqui traduzido foi publicado por Sándor Ferenczi em 1912, no primeiro volume da revista *Imago*, e constitui uma resposta à comunicação feita por James Jackson Putnam no terceiro Congresso internacional de psicanálise, realizado no ano de 1911 em Weimar, cuja versão escrita será publicada no ano seguinte com o título *Ueber die Bedeutung philosophischer Anschauungen und Ausbildung für die weitere Entwicklung der psychoanalytischen Bewegung*. Um comentário pormenorizado a respeito da história deste debate pode ser encontrado em Freitas Pinto e Padovan (2019)⁴.

¹ Professor de Psicologia clínica na Université Paul Valéry, Montpellier 3, pesquisador ligado ao *Centre de recherches Psychanalyse, Médecine et Société* da Univeristé de Paris e ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5546489394122208>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6397-6631>.

² Doutor em filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9731890269292935>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3173-6750>.

³ Professor Doutor do curso de Filosofia e da Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1411304686102041>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7101-9150>.

⁴ Cf. FREITAS PINTO, W. C.; PADOVAN, C. James J. Putnam e as origens do diálogo entre filosofia e psicanálise: Apresentação, tradução e notas de Um apelo para o estudo de métodos filosóficos na preparação

Sabemos hoje que uma segunda versão do artigo de Ferenczi será publicada em húngaro em 1914, com o título *Filozófia és pszichoanalízis*, na coletânea de textos: *Ideges tünetek, keletkezése és eltünése. És egyéb értekezések a pszichoanalízis köréből*. Uma segunda edição da mesma coletânea aparece em 1919, ao que tudo indica, sem modificações⁵.

Em 1922, uma terceira versão do mesmo texto será publicada em alemão, com algumas modificações, na coletânea *Populäre Vorträge über Psychoanalyse*⁶. Esta será a versão de referência do texto que, mais tarde, se tornará objeto das traduções inglesa, francesa e brasileira. A primeira tradução inglesa será publicada em 1955, no volume *Final Contributions to the Problems and Methods of Psycho-Analysis*⁷. A tradução francesa deste mesmo texto será publicada em 1968, no primeiro volume de suas *Œuvres complètes*⁸. A tradução brasileira, publicada pela editora Martins Fontes, aparecerá em 1991, feita a partir da edição francesa⁹.

A respeito destas sucessivas traduções, especialmente quanto às edições francesa e brasileira, cabe ressaltar que, embora o editor francês indique a edição húngara de 1914, cotejada com a edição inglesa de 1955, como o texto base da tradução publicada no primeiro volume das *Œuvres complètes*¹⁰, uma comparação inicial destes documentos sugere, na verdade, que o texto base da tradução foi o da edição inglesa, que por sua vez, baseia-se, como afirmamos acima, no texto da coletânea *Populäre Vorträge über Psychoanalyse*, edição modificada alemã de 1922¹¹.

O texto que aqui propomos é a primeira tradução brasileira do artigo de Ferenczi feita diretamente do alemão, e talvez a única, com exceção da versão húngara, de 1914, realizada a partir da sua primeira edição, de 1912. Uma série de notas de rodapé foram incluídas chamando a atenção para as principais diferenças entre as duas versões alemãs do texto, a primeira, de 1912, e a segunda, publicada dez anos mais tarde, em 1922.

para o trabalho psicanalítico (1911). *Modernos & Contemporâneos – International Journal of Philosophy*, Campinas, v. 3, n. 6, p. 305-316, 2019.

⁵ Ver prefácio à segunda edição do referido texto em: FERENCZI, S. *Ideges tünetek, keletkezése és eltünése. És egyéb értekezések a pszichoanalízis köréből*. Budapest: Dick Manó Kiadása, 1919.

⁶ Cf. FERENCZI, S. *Populäre Vorträge über Psychoanalyse*. Leipzig, Wien, Zürich: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1922.

⁷ Cf. FERENCZI, S. *Final Contributions to the Problems and Methods of Psycho-Analysis*. London: Hogarth Press, 1955.

⁸ Cf. FERENCZI, S. *Œuvres complètes I*. Paris: Payot, 1968.

⁹ Cf. FERENCZI, S. *Obras completas I*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

¹⁰ Cf. FERENCZI, S. *Œuvres complètes I*. Paris: Payot, 1968, p. 260.

¹¹ Cf. FERENCZI (1955, p. 326). Embora a edição inglesa afirme se basear na edição alemã de 1912, publicada no primeiro volume da revista *Imago*, um estudo comparativo da tradução inglesa, publicada em 1955, com as versões alemãs de 1912 e 1922 revela que, na realidade, ela se baseou na edição de 1922, então publicada na coletânea *Populäre Vorträge über Psychoanalyse* (pp. 118-127).

A presente tradução do texto *Filosofia e psicanálise*, de Sándor Ferenczi, integra o conjunto de investigações e de traduções que temos realizado sobre a origem da relação entre filosofia e psicanálise no interior do movimento psicanalítico. O primeiro resultado desse trabalho foi a tradução do texto de James J. Putnam: *Um apelo para o estudo de métodos filosóficos na preparação para o trabalho psicanalítico* (1911)¹², acompanhada de uma longa e informativa apresentação¹³. No próximo volume da edição *história e método da recepção filosófica da psicanálise*, publicaremos a tradução da tréplica de Putnam a Ferenczi. Na sequência, nos dedicaremos a publicar a réplica de Theodor Reik e a tréplica de Putnam a Reik.

¹² Cf. PUTNAM, J. Um apelo para o estudo de métodos filosóficos na preparação para o trabalho psicanalítico. Tradução de Weiny Freitas, Caio Padovan, Caroline Lourenzone e Fábio Fernandes. *Modernos & Contemporâneos – International Journal of Philosophy*, Campinas, v. 3, n. 6, p. 316-332, 2019.

¹³ Cf. FREITAS PINTO, W. C.; PADOVAN, C. James J. Putnam e as origens do diálogo entre filosofia e psicanálise: Apresentação, tradução e notas de Um apelo para o estudo de métodos filosóficos na preparação para o trabalho psicanalítico (1911). *Modernos & Contemporâneos – International Journal of Philosophy*, Campinas, v. 3, n. 6, p. 305-316, 2019. Especialmente sobre este texto de Ferenczi, será publicado em breve um capítulo de livro, cf. FREITAS PINTO, W. C. *Comentário explicativo de Filosofia e psicanálise* (Ferenczi, 1912). No prelo.

FILOSOFIA E PSICANÁLISE

(considerações sobre um artigo do Sr. Professor Dr. JAMES J. PUTNAM da Universidade de Harvard,
Boston EUA)

Por

Dr. S. FERENCZI (Budapeste)

[Tradução e notas: Caio Padovan e Guilherme Germer]

Em um ensaio motivado pelas mais nobres intenções, e redigido com a eloquência de uma convicção sincera, o meritíssimo professor da *Harvard Medical School* defende calorosamente que a psicanálise, cuja importância como método psicológico e terapêutico ele reconhece sem reservas, passe a estabelecer uma relação mais estreita com perspectivas filosóficas [*philosophischen Anschauungen*] mais amplas.

Uma boa parte das suas afirmações será, sem dúvida, julgada como correta e seguida por todos os analistas. O psicólogo, cuja tarefa é aprofundar nosso conhecimento sobre a mente [*Seele*] humana, não deve de modo algum se fechar à contemplação desses sistemas, tão estimados – e com razão – pela humanidade, nos quais os espíritos elevados sintetizaram suas convicções mais bem acabadas¹⁴ sobre a natureza e o sentido do mundo; e se a análise foi capaz de realizar sólidas descobertas psicológicas, mesmo no campo das manifestações populares, por muito tempo subestimadas, como os mitos e os contos – ainda que simbolicamente disfarçadas –, podemos certamente esperar que novos pontos de vista, novos conhecimentos, também surjam do estudo da filosofia e de sua história¹⁵. Ora, nenhum psicanalista discordará da afirmação de que “pesquisa alguma poderá florescer sem levar em conta, com a devida atenção, a sua relação natural com outros tipos de pesquisa”¹⁶. A psicanálise não é tão pretensiosa ao ponto de querer explicar tudo através de seus próprios meios, e embora ainda estejamos longe de ter esgotado tudo aquilo que pode ser explicado analiticamente, podemos já intuir onde se encontram as fronteiras de nossa ciência e onde a explicação dos processos terá que ser deixada para outras disciplinas (a física, a química e a biologia, por exemplo).

¹⁴ Nota dos tradutores (NT): “convicções ‘mais profundas’” [*tiefsten*] na edição de 1922, no lugar de ‘bem acabadas’ ou ‘últimas’ [*letzten*].

¹⁵ NT: “‘da’ [*der*] história” na edição de 1922, no lugar de “‘sua’ [*ihrer*] história”.

¹⁶ NT: citação não literal de Putnam (1912, p.103).

Além disso, “que nós sabemos mais do que podemos expressar”¹⁷, que “aprender nada mais é do que uma viagem exploratória no interior da própria alma [*Seele*]”¹⁸, que o dever dos psicanalistas é “desvendar e examinar mais de perto, tanto quanto possível, os pensamentos e os impulsos” [*Ahnungen e Regungen*]¹⁹ (incluindo aí os religiosos), todo analista que já entrou alguma vez em contato com o pré-consciente, quer dizer, com a camada interna dos processos produtivos da mente onde todo progresso espiritual [*geistige Fortschritt*] é preparado, deve ser capaz de reconhecê-lo plenamente. Em suma, teríamos que reimprimir uma parte não negligenciável da exposição de Putnam se quiséssemos destacar de seu trabalho tudo aquilo com o que podemos²⁰ concordar.

Apesar disso, neste artigo, tão estimulante e interessante, se encontram passagens que despertaram em mim a mais viva oposição e em relação as quais, dado que sou de opinião contrária, preferiria não me conter, mesmo que me falte a devida formação filosófica, enquanto o Professor Putnam tem a grande vantagem de ter à sua disposição um espírito treinado em filosofia.

1. Psicanálise e visão de mundo²¹

O professor Putnam exige dos psicanalistas que subordinem seus conhecimentos recém-adquiridos a uma certa visão de mundo filosófica [*philosophische Weltanschauung*]²² ou que a ela devam ser integrados.

De uma maneira geral, acho isso perigoso para a ciência, especialmente para a psicologia analítica [*analytische Psychologie*]²³, que nem sequer lidou adequadamente com as conexões no interior de seu próprio campo epistêmico [*Wissensgebiete*]. A trégua que

¹⁷ NT: citação não literal de Putnam (1912, p. 115).

¹⁸ NT: citação não literal de Putnam (1912, p. 112-3).

¹⁹ NT: citação não literal de Putnam (1912, p. 113).

²⁰ NT: “devemos” [*dürfen*] na edição de 1922, no lugar de “podemos” [*müssen*]. O tempo verbal foi adaptado à passagem.

²¹ NT: o título desta primeira seção, assim como das demais, será suprimido na edição alemã de 1922, mas não nas duas edições húngaras de 1914 e 1919.

²² NT: A noção de *Weltanschauung*, cara ao pensamento filosófico de língua alemã, encontra suas origens no pensamento de Kant, sendo popularizada no início do século XX através dos trabalhos de Wilhelm Dilthey e Karl Jaspers.

²³ NT: Ferenczi estabelece aqui uma oposição em relação à dita psicologia descritiva, tal como fará Freud de maneira explícita em 1915, no início da segunda seção de seu artigo metapsicológico sobre o Inconsciente, ao abordar a questão da “psicologia descritiva da consciência” [*deskriptive Bewußtseinspsychologie*] (p.194-195). Cf. Freud, S. (1915). “Das Unbewußte”, *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, 3(4), pp. 189-203, 3(5), pp.257-269.

concedemos à caça durante o período de crescimento [*Entwicklung*], não deve ser negada a uma jovem ciência, sendo igualmente necessário nesses casos aguardar um bom tempo antes de se aproximar dela com as armas da metafísica. Quanto mais adiarmos a formação de um sistema, nos contentando em coletar dados sem reservas e em estabelecer conexões entre eles, mais chances temos de encontrar algo novo e verdadeiro²⁴. Em contrapartida, a formação muito precoce de um sistema coloca o pesquisador em um estado de espírito desfavorável ao teste de realidade [*Realitätsprüfung*], correndo assim o risco de desconsiderar ou subestimar fatos que não querem se encaixar no sistema²⁵.

Não devemos ainda esquecer que a psicanálise, como a psicologia em geral, tem o direito e o dever de investigar todo tipo de realização mental [*seelicher*], sem excluir as filosofias²⁶, considerando e investigando suas condições de origem, e fazendo com que as regularidades dominantes na esfera psíquica sejam também nelas igualmente válidas. Dito de modo ainda mais preciso: provar que essas regularidades sejam igualmente válidas para as filosofias. Mas como poderia a psicologia legiferar sobre a filosofia se *a priori* é exigido dela que se subordine a um sistema filosófico particular, ou, em geral, a um sistema filosófico qualquer?²⁷

²⁴ NT: o mesmo raciocínio epistemológico será mobilizado três anos mais tarde por Freud, em 1915, no primeiro parágrafo de seu artigo metapsicológico sobre as pulsões e seus destinos. Cf. Freud, S. (1915). “Triebe und Triebchicksale”, *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, 3(2), pp. 84-100.

²⁵ A relação entre fato empírico e sistema teórico será desenvolvida por Ferenczi doze anos mais tarde, em 1924, na obra *Metas para o desenvolvimento da psicanálise*, escrita em parceria com Otto Rank. Cf. Ferenczi, S. Rank, O. (1924). *Entwicklungsziele der Psychoanalyse*. Leipzig, Wien, Zürich: IPV, 67 p.

²⁶ NT: “sistemas filosóficos” [*philosophischen Systeme*] na edição de 1922, no lugar de “filosofias” [*Philosophieen*].

²⁷ O fato de não ser impossível e, também, não completamente infrutífero, examinar psicologicamente as condições de origem das filosofias pode ser aqui demonstrado por meio de um exemplo. As investigações psicanalíticas sobre pessoas doentes levaram à distinção entre dois mecanismos opostos de repressão (isto é, o afastamento da atenção consciente daquilo que produz desprazer). Pacientes paranoicos tendem a experimentar subjetivamente processos mentais desprazerosos enquanto influências do mundo exterior (projeção); por outro lado, os neuróticos também experimentam de maneira intensa processos do mundo exterior (em outras pessoas, por exemplo), eles “introjetam” uma parte do mundo exterior buscando aliviar certas tensões em sua psique. É curioso que existam sistemas filosóficos que possam ser colocados em analogia com esses mecanismos, que certamente dependem das necessidades emocionais. O materialismo, que nega o eu e permite que ele seja completamente absorvido pelo “mundo exterior”, pode ser entendido como a mais completa forma de projeção concebível; o solipsismo, que nega o mundo inteiro, ou seja, o absorve no eu, é o mais alto nível de introjeção*. Não é de forma alguma improvável que, no final das contas, uma grande parte da metafísica possa ser explicada psicologicamente, ou, como diz Freud, transformada em metapsicologia**. Freud também tem apontado para a analogia entre a construção de sistemas filosóficos e paranoicos. (Imago I. Edição 4, p. 332.) [NT: referência à segunda parte da obra *Totem e Tabu*, publicado no quarto número deste mesmo volume da revista *Imago*. A este respeito, ver: Freud, S. (1912). “Über einige Übereinstimmungen im Seelenleben der Wilden und der Neurotiker”, *Imago*, 1(4), pp. 301-333].

Uma outra parte, porém, poderá mais tarde vir a antecipar o conhecimento científico.

*S. Ferenczi, *Introjektion und Übertragung*. (»Jahrbuch für psychoanalytische Forschungen«, I. Bd., 1909).

S. Ferenczi, *Zur Begriffsbestimmung der Introjektion*. (»Zentralblatt für Psychoanalyse«, II. Jahrg., 4. Heft.) [NT: referência ao seu longo artigo de 1909, *Introjeção e transferência*, e ao curto artigo de divulgação publicado sobre o mesmo assunto em 1912, *Sobre a definição do conceito de introjeção*. Cf. Ferenczi, S.

A ciência pode ser comparada a um empreendimento industrial capaz de produzir novos bens e serviços; em contrapartida, a “visão de mundo” [*Weltanschauung*] corresponde a um balancete ainda muito rudimentar, que de tempos em tempos devemos realizar a fim de verificar o estado atual dos nossos conhecimentos com vistas a planejar nossos futuros investimentos. Contudo, uma verificação contínua do balancete perturbaria o curso dos negócios e consumiria uma energia que poderia ser melhor empregada.

Tais como as religiões, as filosofias²⁸ são obras de arte, poesias, que certamente carregam em si uma porção de intuições formidáveis; seu valor não pode e não deve ser subestimado. Mas elas pertencem a uma outra categoria que não se confunde com a ciência, pela qual entendemos a somatória daquelas regularidades que, após a purificação máxima dos produtos de fantasia do princípio de prazer, devemos assumir que existem como reais²⁹. Há apenas uma ciência, mas há tantas filosofias³⁰ e religiões quanto pessoas inteligentes dotadas de espíritos e estados de ânimo diferentes.

É do interesse de ambas as disciplinas, que obedecem a princípios diferentes, não misturar suas teses. Ademais, a psicologia deve ser o juiz da filosofia;³¹ naturalmente e para tal, ela tem que aceitar ser classificada *in toto*³² nos diferentes sistemas filosóficos. Mas permanece soberana em seu próprio campo e não amarra seu destino a nenhum desses sistemas.

2. Sobre a visão de mundo [*Weltanschauung*] do Prof. Putnam

(1909). “Introjektion und Übertragung”, *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*, 1(2), pp. 422-457. Ferenczi, S. (1912). “Zur Begriffsbestimmung der Introjektion”, *Zentralblatt für Psychoanalyse*, 2(4), pp. 198-200].

**S. Freud, *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*. (IV. Aufl.) [NT: referência à quarta edição do *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* de Freud, publicada com modificações em 1912. Cf. Freud, S. (1912). *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*. Berlin: Karger, 198 p.].

²⁸ NT: “Sistemas filosóficos” [*philosophischen Systeme*] na edição de 1922, no lugar de “filosofias” [*Philosophieen*].

²⁹ NT: essa ideia havia sido proposta um ano antes por Freud, em seu artigo *Formulações sobre os dois princípios dos eventos psíquicos* (1911), e desenvolvido por Ferenczi no ano seguinte, em seu artigo: *Os estágios de desenvolvimento do senso de realidade*. Cf. Freud, S. (1911). “Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens”, *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*, 3(1), pp. 1-8. Ferenczi, S. (1913). “Entwicklungsstufen des Wirklichkeitssinnes”, *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, 1(2), pp. 124-138.

³⁰ NT: “Sistemas filosóficos” [*philosophischen Systeme*] na edição de 1922, no lugar de “filosofias” [*Philosophieen*].

³¹ NT: vírgula na edição de 1922, no lugar de ponto e vírgula.

³² NT: “totalmente” (expressão latina).

Segundo a visão de mundo do Prof. Putnam – à qual, na sua opinião, a psicanálise teria que ser integrada – a única coisa real³³ nesse mundo é uma energia autorrealizadora [*selbsttätige Energie*]³⁴, dotada das mais altas capacidades intelectuais e morais, uma espécie de, por assim dizer: personalidade divina [*göttliche Persönlichkeit*] que, pela expressão da sua tendência, permitiu e continua permitindo, a partir de si mesma, a emergência e o desenvolvimento do “mundo físico” [*Körperwelt*]³⁵. Esse espírito [*Geist*] já era dotado de inteligência e moralidade mesmo antes do surgimento dos corpos [*Körper*] mais primitivos, não alcançando no homem o pleno desenvolvimento dessas qualidades. – Isso soa como a adaptação à biogenética³⁶ dos mais antigos mitos da criação, diferindo apenas no fato de que aqui a criação do mundo não teria ocorrido em um único ato criativo, mas sim em uma série infinita de atos desse tipo, ou melhor, como algo que está em constante elaboração. Poderíamos, se assim quiséssemos, chamar este sistema de monista, uma vez que considera o mundo físico [*Körperwelt*] como uma manifestação da mesma energia espiritual [*geistige Energie*] que compõe o espírito criador do mundo; mas este monismo é extraordinariamente semelhante a um dualismo. Seja como for, disso não deve propriamente resultar nenhuma objeção; pois o mundo dualista é tão impossível quanto³⁷ o monista e, neste sentido, ambas as filosofias, monista e dualista, garantem seu direito de existência. Só não entendemos por que a psicologia analítica deveria passar a estabelecer relações mais íntimas com a visão de mundo delineada pelo Prof. Putnam. Afinal, os fatos da psicanálise poderiam muito bem ser incorporados a um sistema materialista ou espiritualista, monista ou dualista; eles seriam ainda bastante compatíveis, por exemplo, com uma visão de mundo que enxerga a essência e o fundamento originário [*Urgrund*] do mundo em um impulso [*Drang*] cego e desprovido de inteligência e moralidade; na vontade de Schopenhauer, por exemplo. Não seria inconcebível que uma força cega, desprovida de significado e de objetivo, pudesse, por meio da seleção natural, dar origem aos seres mais inteligentes; nossas

³³ NT: “Wirkliche” na edição de 1922, no lugar de *wirkliche*.

³⁴ NT: A noção de *selbsttätige Energie* será mobilizada com frequência por Putnam em seu artigo (p. 104, 107, 108, 109), sendo empregada de maneira intercambiável com aquela de *selbsttätige Kraft* (p. 105, 106, 107). Na versão inglesa de seu texto, publicada em 1911, encontramos a expressão correspondente *self-active energy* (p. 252, 255). De maneira literal, poderíamos traduzir a expressão alemã como “energia auto-atuante” ou “auto-efetiva”, um tipo de força ou energia “que age ou se efetiva por si só”. Em nossa tradução da versão inglesa (Putnam, 2019), optamos por “energia autorrealizadora” e, por essa razão, a mantemos aqui, buscando assim evitar confusões desnecessárias.

³⁵ NT: Literalmente, “mundo corporal” ou “dos corpos”, neste caso dos corpos ou entidades materiais. A noção de *Körperwelt* poderia ser aqui entendida em oposição àquilo que mais tarde Edmund Husserl irá chamar de *Lebenswelt*, ou “mundo da vida”.

³⁶ NT: relativo ao pensamento evolucionista da época, em particular aquele desenvolvido nos países de língua alemã.

³⁷ NT: “wie” na edição de 1922, no lugar de “als”.

experiências psicológicas também não entrariam em contradição com esse modo de ver as coisas.

A filosofia agnóstica [*agnostizistische Philosophie*]³⁸, que admite com honestidade sua incapacidade em resolver as questões últimas – e que, portanto, em seu fundamento, não é um sistema fechado – também constitui uma visão de mundo possível, até mesmo benéfica, para nós. Pois mesmo que o Professor Putnam esteja certo ao afirmar que a razão não pode ser usada para *negar* a existência da razão, ele esquece por outro lado o perigo que repousa na tentação de *superestimar* o papel da consciência no universo e de recair em um antropomorfismo não inteiramente justificado.

Além do mais, [e mesmo]³⁹, é uma sorte para as ciências que nenhuma dessas filosofias possua uma evidência concludente; pois a solução final das questões últimas da vida destruiria o impulso [*Antrieb*] para buscar novas verdades.

3. Sobre a psicologia do inconsciente

O Prof. Putnam distingue com razão os conteúdos mentais [*seelischen Inhalte*] dos modos de funcionamento do espírito [*Tätigkeitsformen des Geistes*]⁴⁰. Ele acrescenta, no entanto, que, considerado do ponto de vista de seu modo de funcionamento, o espírito não é nem capaz, nem carente de desenvolvimento, e afirma ainda que o espírito da criança, assim como o inconsciente (tomado em sentido psicanalítico) se distinguem essencialmente do espírito consciente do adulto apenas em termos de conteúdo, mas não quanto a seu modo de funcionamento [*Funktionsart*].

³⁸ NT: segundo o *Dicionário de conceitos filosóficos* de Rudolf Eisler, publicado em sua terceira edição em 1910 – contemporânea, portanto, ao texto de Ferenczi – a noção de “Agnosticismo” será associada ao pensamento evolucionista do biólogo britânico Thomas Huxley. Encontramos neste dicionário a seguinte definição, extraída de um texto do próprio Huxley: “o agnosticismo (...) não é um credo, mas um método, cuja essência reside na rigorosa aplicação de um único princípio (...). Positivamente, este princípio pode ser assim expresso: em assuntos de ordem intelectual, siga a sua razão até onde ela for, sem levar em consideração qualquer outra coisa. E negativamente: em assuntos de ordem intelectual, não tome algo como certo se suas conclusões não são demonstradas ou demonstráveis” (p.23). Cf. Eisler, R. (1910). *Wörterbuch der philosophischen Begriffe*, Erster Band, A-K. Berlin: Ernst Siegfried Mittler und Sohn, 3ª Edição, 686 p., p.20. Para a citação do biólogo inglês, ver: Huxley, T. (1889). Agnosticism. In: *Christianity and Agnosticism, a controversy*. New York: Humbolt Publishing, 162 p., pp. 9-30.

³⁹ NT: Na edição de 1922, Ferenczi inclui nesta frase o advérbio *beinahe*: “*Es ist übrigens beinahe ein Glück für die Wissenschaften*”.

⁴⁰ NT: A importante oposição entre “conteúdos mentais” [*seelischen Inhalte*] e “modos de funcionamento do espírito” [*Tätigkeitsformen des Geistes*] será tematizada Putnam em seu artigo (p. 105-6). Segundo o autor, o modo de funcionamento do espírito não estaria sujeito a desenvolvimento, ao passo que os conteúdos mentais sim].

Contrariamente a esta afirmação, a experiência psicanalítica tem mostrado que os processos que ocorrem no inconsciente (e, em certa medida, também na mente infantil) são diferentes dos processos conscientes não só no conteúdo, mas também na forma.

Os conteúdos psíquicos conscientes de pessoas normais em estado de vigília são submetidos às categorias de espaço, tempo, causalidade; e são testados quanto à sua realidade. A consciência é, portanto, lógica, desde que os elementos inconscientes não interfiram nela. Os conteúdos psíquicos de adultos instruídos serão também organizados do ponto de vista da ética e da estética.

No inconsciente, porém, encontramos conteúdos psíquicos organizados de acordo com princípios completamente diferentes. O princípio [*Grundsatz*] dominante aqui é o do evitamento do desprazer, enquanto a moeda temporal e causal tem nele pouco valor⁴¹.

Arrancado de seu contexto lógico, os conteúdos psíquicos ocupam aqui, por assim dizer, uma *zona de prazer* [*Lustraum*] na qual serão estratificados⁴² de acordo com sua *valência específica de prazer* [*spezifischen Lustgewichte*], de modo a manter os mais desprazerosos em regiões mais afastadas da periferia da consciência. Desta forma, conteúdos logicamente heterogêneos, mas igualmente carregados de prazer, acabam se associando [assim]⁴³ de maneira sólida, chegando mesmo a se misturarem uns aos outros; os opostos permanecem tranquilamente uns ao lado dos outros; as semelhanças mais remotas dão lugar à identidade; o incomum e “simples transbordamento das intensidades” (Freud)⁴⁴ possibilita os deslocamentos e condensações mais absurdos do ponto de vista lógico; a falta de abstração e de símbolos linguísticos permitem um pensamento baseado apenas em imagens dramatizadas. É indubitável para todo aquele que já analisou sonhos, chistes, atos sintomáticos e neuroses, que nesse estrato da mente as categorias éticas e estéticas sejam de pouca ou, por vezes, mesmo de nenhuma valia.

Após tudo isso, não podemos de modo algum excluir a possibilidade de que uma psique dotada de um órgão consciente represente um estágio superior⁴⁵ de desenvolvimento do espírito, tanto em termos de conteúdo, quanto em seu modo de funcionamento [*Tätigkeitsform*].

⁴¹ NT: O parágrafo seguinte será unido ao presente parágrafo na versão de 1922.

⁴² NT: Deslocamento na edição de 1922 do substantivo *schichten* no interior da frase.

⁴³ NT: O adverbio *dazu* será adicionado na edição de 1922.

⁴⁴ NT: Citação não literal de Freud. Referência feita à hipótese energética, ligada à carga e à descarga de intensidades, presente na obra do autor desde 1893 e que, mais tarde, será assimilada à dimensão econômica da metapsicologia freudiana.

⁴⁵ NT: a palavra “superior” será colocada entre aspas na edição de 1922.

Com isso, porém, e de modo geral⁴⁶, é dada a possibilidade do desenvolvimento de formas mais elevadas de atividade espiritual [*hoher Formen geistiger Tätigkeit*] a partir das mais simples.

4. Determinismo e psicanálise

Neste trabalho do Prof. Putnam, o que toca mais sensivelmente a psicanálise é o ataque contra o determinismo psíquico. Afinal, o mais importante progresso que devemos à análise⁴⁷ é justamente a possibilidade que ela nos deu de verificar também no interior da esfera mental o mesmo tipo de regularidade e certeza invariáveis que observamos de modo geral na física⁴⁸.

Que nossos atos de vontade sejam determinados, há muito e por muitos já foi postulado; mas com Freud a psicanálise foi a primeira que, através do descobrimento dos determinantes inconscientes, nos permitiu reconhecer o ato voluntário sentido pela consciência como livre, assim como o chamado “livre curso das ideias”, como resultados inevitáveis de outros processos psíquicos, eles mesmos igual e estritamente determinados. O psicanalista, que em sua experiência cotidiana sente na pele os efeitos da determinação que o atravessa⁴⁹ em seus próprios processos voluntários, deve justamente a essa convicção o reconfortante sentimento de não ter que abandonar o solo firme da lei de ferro [*eherner Gesetzmäßigkeit*]⁵⁰ também no campo psíquico.

Em um exame mais atento, no entanto, verifica-se que a diferença aparentemente tão grande [entre] essa concepção [e aquela]⁵¹ sustentada pelo Prof. Putnam é, ao menos em parte, apenas baseada em diferenças terminológicas. Aqui e acolá, o Dr. Putnam identifica os conceitos de *vontade* e de *vontade indeterminada*, conceitos que nós gostaríamos de separar de maneira mais rigorosa. A psicanálise não nega, de modo algum, a *vontade* [*Willen*] (o *instinto* [*Trieb*]). Longe de ser uma descrição biogenética que “se contentou em traçar com certo grau de precisão os sucessivos fenômenos de um processo evolutivo”⁵², ela encontra de modo geral no psiquismo *atos de boa vontade* [*Strebungen*], isto é, processos mentais que podem ser

⁴⁶ NT: deslocamento na edição de 1922 do advérbio *überhaupt* no interior da frase.

⁴⁷ NT: Encontramos com certa frequência nos textos psicanalíticos escritos durante este período o uso do termo “análise” como sinônimo de “psicanálise”.

⁴⁸ NT: correção, *physikalischen Überall* em 1922 no lugar de *Physikalischen überall*.

⁴⁹ NT: correção na edição de 1922, *übergegangen* no lugar de *übergangen*.

⁵⁰ NT: literalmente “regularidade férrea”. Entendemos ser essa expressão uma variação de *Ehernes Gesetz*, normalmente traduzida como “lei de ferro” e cujo sentido evoca a ideia de uma regularidade sólida e bem estabelecida.

⁵¹ NT: A preposição *zwischen* e o conectivo *und* serão acrescentados na edição de 1922, tornando a frase mais clara.

⁵² NT: citação não literal de Putnam (1912, p. 103).

tomados por *analogia* à nossa vontade consciente. A psicologia psicanalítica não é, portanto, uma simples descrição, mas sim uma tentativa de explicação dinâmica dos processos mentais. A psicanálise nunca afirmou que “a pessoa de Hamlet deve ser considerada como desprovida de vontade”⁵³, mas sim que a personalidade de Hamlet, em virtude de suas qualidades inatas e adquiridas, estava destinada a exercer *sua vontade* de modo vacilante e, em última análise, trágica.

O Dr. Putnam também incorre em erro ao equiparar o princípio do “laissez-faire” ao determinismo. – Os economistas políticos [*Nationalökonomien*] modernos estão certos quando nos ensinam que as “ideologias”, ou seja, processos voluntários e conscientes, também são fatores muito importantes no desenvolvimento da economia estatal⁵⁴; mas isso não significa, de modo algum, que esses processos voluntários e espirituais devam ser livres, isto é, indeterminados. Determinismo não deve ser confundido com fatalismo. A doutrina da determinação da vontade não afirma que não podemos fazer nada, que não podemos querer nada (*laissez-faire*), e que podemos esperar que os “determinantes” façam todo trabalho por nós. Ela afirma apenas que, ao realizarmos nossa vontade, sentida subjetivamente como livre, não podemos nos emancipar da força diretriz dos determinantes. O fato de não nos abandonarmos ao princípio do “laissez-faire”, e assumirmos ativamente as rédeas de nosso próprio destino, não é um ato de resolução de nosso livre arbítrio, mas o resultado de determinantes filogenéticos e ontogenéticos, que nos protegem de sucumbir em um não agir [*Nichtstun*] deletério à preservação de si próprio e da espécie.

Quanto à essência do próprio processo voluntário, porém, a psicanálise nada tem a dizer, e este é o ponto em que por ora termina a sua competência, e o espaço que deve ser deixado livre para as tentativas de explicação filosóficas e biológicas⁵⁵.

5. A interpolação do inconsciente

O Prof. Putnam não pode poupar a [psic]análise da acusação de que ela aborda de maneira demasiado unilateral a psicologia do inconsciente, a psique das crianças, dos selvagens, dos artistas, dos neuróticos e dos psicopatas, e que ela aplica os resultados aí encontrados ao

⁵³ NT: citação não literal de Putnam (1912, p. 116).

⁵⁴ NT: Provável referência aos princípios de economia política tal como discutidos pelo filósofo alemão Karl Marx.

⁵⁵ NT: O presente parágrafo foi suprimido nas traduções inglesa, francesa e brasileira do artigo de Ferenczi.

conhecimento do funcionamento psíquico saudável e sublimado do adulto normal, negligenciando, por outro lado, o caminho inverso, que parte das mais elevadas realizações mentais do homem, buscando a partir daí alcançar a compreensão do psíquico em geral.

Não podemos negar a realidade desse fato. Mas a questão aqui é se a inversão de perspectiva que caracteriza a psicanálise deve realmente ser considerada como prejudicial ou se seria ela, ao invés disso, um dos avanços mais frutíferos e louváveis da metodologia psicológica.

Durante séculos, nos dedicamos à compreensão dos processos mentais a partir do estudo de seu aspecto consciente, tentando fazê-los entrar nas categorias da mente humana consciente e erudita (lógica, ética, estética). Não podemos dizer que tivemos muito sucesso com isso. As manifestações mais cotidianas da vida mental permanecem como complexos não resolvidos, permanecendo sempre – apesar das garantias doutrinárias contrárias – sob o encanto de uma estéril “psicologia das faculdades” [*Vermögenspsychologie*]⁵⁶. A reação contrária foi a tentativa de explicação fisicalista-fisiológica, que, no entanto, não conseguiu preencher a grande lacuna entre os processos fisiológicos relativamente simples e as intrincadas conquistas mentais da civilização humana [*Kulturmenschen*]. A psicofísica falhou tão logo quis sair do campo da fisiologia sensorial descritiva, ou teve que recorrer às hipóteses mais ousadas⁵⁷ – em nítido contraste com a tão apregoada exatidão de seus métodos.

Depois vieram as descobertas surpreendentes de Freud sobre os processos mentais inconscientes e sobre a metodologia que nos permite explorar o conteúdo e os modos de funcionamento do inconsciente. As descobertas foram feitas pela primeira vez em pessoas doentes. Mas quando Freud tentou *interpol*ar os processos mentais latentes, desmascarados nos neuróticos, na brecha entre o biológico e o psiquismo consciente – levando ainda em consideração as realizações mentais dos “normais” –, os problemas foram solucionados como que por si sós, sem dificuldade, problemas com os quais a psicologia da consciência nunca teve sucesso, e que a psicofísica nem mesmo se atreveu a enfrentar.

O *sonho*, o *chiste*, os *atos falhos* da pessoa normal podiam agora ser reconhecidos como formações psíquicas plenas de sentido e obedecendo à mesma regularidade; a sua aparente aleatoriedade ou arbitrariedade desapareceu; na psicologia do *artista* e do *poeta*, no conjunto

⁵⁶ NT: A crítica da chamada psicologia das faculdades de base espiritualista e fundada em métodos introspectivos de investigação pode ser considerado como um lugar-comum no contexto da psicologia científica de língua alemã. A este propósito, ver o capítulo introdutório de Wundt, W. (1862). *Beiträge zur Theorie der Sinneswahrnehmung*. Leipzig und Heidelberg: C.F. Winter'sche Verlagsbuchhandlung, 451 p.

⁵⁷ NT: referência ao projeto de Gustav Theodor Fechner (1801-1887), proposto em sua obra *Elementos de psicofísica*, publicada em 1860, e que encontrará grande ressonância na psicologia científica da segunda metade do século XIX.



de fatos da *mitologia* e da *religião*, na *psicologia dos povos* e na *sociologia*, o entendimento mais profundo das conexões começa a se cristalizar em torno do conhecimento do inconsciente; com sua ajuda foi possível provar a validade da *lei biogenética fundamental* [*biogenetischen Grundgesetzes*] também no âmbito mental.

Os surpreendentes sucessos da interpolação freudiana sugerem – penso eu – que não devemos abandonar este método de trabalho tão frutífero, mas sim, tomando seus sucessos em um sentido pragmático enquanto prova de sua correção, devemos estender ainda mais seu campo de aplicação. Em nossa opinião, portanto, essa é uma tarefa muito mais conveniente, porque promete muito mais êxito, a saber, a de também buscar⁵⁸ explicar os processos conscientes e seus modos de funcionamento tendo por base a psicologia profunda, do que seguir os conselhos do Professor Putnam e, partindo da consciência, nos enterrar mais uma vez em poços abandonados, dada a sua improdutividade.

É possível que o atual fluxo de conhecimento tão abundante, que a pesquisa do inconsciente nos proporciona, se esgote, e que então o trabalho psicológico deva ser retomado a partir da consciência,⁵⁹ ou talvez com base física.⁶⁰ O que eu queria enfatizar é apenas que nossa próxima tarefa é esta, a de desenvolver ainda mais a psicanálise, independentemente dos sistemas filosóficos.

⁵⁸ NT: o verbo “suchen”, traduzido aqui como buscar, será substituído pelo verbo “wollen” (querer) na edição de 1922.

⁵⁹ NT: vírgula suprimida da edição de 1922.

⁶⁰ NT: travessão suprimido na edição de 1922.

